

Nosso cartel tem como tema “a constituição do sujeito.” De saída uma questão já logo se impõe para mim, qual seja, o eixo norteador desta escrita, que, via de regra, também da escuta que se faz presente em cada novo encontro com os colegas cartelizantes. Afinal, de que constituição se trata: daquela que fala de tudo aquilo que faz parte do sujeito ou daquilo que contribui para que haja a emergência do sujeito? Não havendo a palavra constituinte ou constitutivo em jogo, privilegiaremos o eixo que fala sobre o surgimento do sujeito. Mas é fato: nosso tema todo tempo para este vaivém. Portanto, também não desconsideraremos o eixo que toca nos elementos que são constitutivos do sujeito.

No texto “Algumas lições elementares sobre a psicanálise (1940[1938]), Freud traz o termo “psicologia do profundo” para se referir à psicanálise como sendo “parte da ciência sobre a alma da psicologia” (p.284). E, ao definir o que seria propriamente o psíquico, faz alusão aos seus conteúdos, percepções, representações, lembranças, sentimentos e atos de vontade. Pontua que a condição de consciente é efetivamente o caráter comum, único e indescritível em que expressa sua essência, e que “os fenômenos psíquicos dependem das influências corporais, que, por sua vez exercem os mais intensos efeitos sobre os processos somáticos.” Mas logo em seguida adverte seu leitor desavisado: “a condição de consciente não pode ser a essência do psíquico, é somente uma qualidade sua, e que, por consequência, uma qualidade inconstante, muito mais ausente do que presente.” (p.285).

Lacan (1953-1954), no texto “A tópica do imaginário” nos traz noções que, efetivamente consideramos serem fundamentais para o momento em que haverá a constituição do sujeito, ainda que num momento ainda preliminar, pois estamos falando no terreno daquilo que chamamos de um estado ainda muito rudimentar do eu. De saída, e já nos dando a dimensão da complexidade do tema do nosso cartel, Lacan (1953-1954) nos diz que não podemos falar da tópica do imaginário sem que levemos em consideração o “jogo recíproco dos grandes termos” – maneira que encontra para falar dos efeitos do imaginário, real e simbólico para que tenhamos a assumpção de um sujeito. Pontua que “o estágio de espelho não é simplesmente um momento do desenvolvimento, mas que tem uma função exemplar porque revela certas condições do sujeito à sua imagem.” (p.91). Referindo-se a Freud, em “Interpretação dos sonhos”, Lacan (1953-54) enfatiza que o “lugar psíquico corresponderá a um ponto desse aparelho onde se forma a imagem.” (p.92).

A óptica, portanto, não poderá ser deixada de lado se o que desejamos é compreender as minúcias da constituição do sujeito, no que lemos em Lacan (1953-54): “é preciso que todo ponto dado no espaço real corresponda um ponto e só um num outro espaço, que é o espaço imaginário. É a hipótese estrutural fundamental.” (p.93). E nos lembra que as imagens ópticas podem ser subjetivas (ou virtuais) e em outros reais, chegando, até, a se comportarem como objetos e serem tomados como tais (objeto virtual). E, posto isto, Lacan (1953-1954) nos propõe uma questão sobre se “o aparelho fotográfico não seria um aparelho subjetivo, inteiramente construído com a ajuda de um x e de um y que habitam o domínio em que vive o sujeito, quer dizer, o da linguagem.” (p.93).

Sobre o corpo como parte importante da constituição do sujeito – a experiência de se ter um corpo encontramos:

A só vista da forma total do corpo humano dá ao sujeito um domínio imaginário do seu corpo, prematuro em relação ao domínio real. É a experiência original através da qual, pela primeira vez, o homem passa pela experiência de que se vê, se reflete e se concebe como outro que não ele mesmo – dimensão essencial do humano, que estrutura toda sua vida de fantasia (LACAN, 1953-1954, p.96).

Lacan (1953-1954) traz o caso Dick, de Melanie Klein, à nossa memória para nos dizer que “é no plano do Édipo que se abre as portas do inconsciente” (p.103), e, no mesmo ato, enfatiza a fórmula de que “o inconsciente é o discurso do outro.” (p.103). É o que Lacan (1969-1970) mantém quando nos diz que “o discurso não é do sujeito, mas sim que ele é efeito deste discurso.” (p.22).

O inconsciente é estruturado como uma linguagem. É o que Lacan (1967-1968), no texto “Lugar, origem e fim do meu ensino” nos diz sobre o que há de fundamental para que haja a constituição do sujeito. Claro: sem nos esqueçamos de que tudo se dá a partir da trança, do enlace do RSI. Ele nos informa que seu ensino é “muito simplesmente a linguagem, nada além disto, que o homem nasce na linguagem exatamente como nasce no mundo, como também nasce pela linguagem. É porque há linguagem que há verdade.” (36-37). Lacan (1967-1968) nos diz que o centro de gravidade oculto do desejo se liga à palavra. Donde podemos extrair que a linguagem não somente constitui o sujeito, mas sua verdade.

Lacan (1953-1954) nos diz que o contexto do desenvolvimento para a psicanálise se dá na medida em que “o sujeito se integra ao sistema simbólico, aí se exercita, aí se afirma pelo exercício de uma palavra verdadeira.” (p.104). Esta palavra verdadeira podemos chamar de fala plena, que Lacan (1953) em “Função e campo da fala e da linguagem” nos diz que é quando encontramos na análise a “intra-subjetividade obsessiva, a intersubjetividade histórica, a análise da resistência e a interpretação simbólica.”, e que faz contraponto à fala vazia, “em que o sujeito parece falar em vão de alguém que, mesmo lhe sendo semelhante a ponto de ele se enganar, nunca se aliará à assumpção de seu desejo.” (p.255).

Não pretendemos nos estender demais por aqui. Mas, considerando que nosso foco é a constituição do sujeito, os temas ligados à alienação e a todos os desdobramentos subjetivos da incidência da inscrição do significante Nome-do-Pai no psíquico do sujeito, quais sejam: separação, desejo, gozo e a queda do objeto pequeno a não poderão ficar do lado de fora da roda dos debates. Até porque Lacan (1967-1968) nos diz que “a verdade psicanalítica é a vida sexual, e que podemos escrever a vida sexual como uma ortografia particular.” (p.26.).

A sexualidade assume função de verdade, e que, uma vez assumida, ela a preserva. O que está ao alcance da mão é que a sexualidade faz furo

na verdade: sendo justamente onde não se sabe sobre que pé dançar a propósito do que é verdadeiro (LACAN, 1967-1968, p.30).

Lacan (1967-1968) lembra o que chama como sendo “uma das formulações das mais primordiais”, qual seja, a de que “o significante como sendo o que representa o sujeito para outro significante” (p.46). Daí a termos o que ele nos propõe como sendo o sujeito do enunciado “aquele que está falando agora quando digo eu”. O sujeito que nos interessa é o sujeito da enunciação” (p.45).

Lacan (1953-1954) nos leva à orientação de Melanie Klein sobre seu paciente Dick, para nos dizer que “a criança não tem o desejo de fazer compreender, não procura se comunicar, que as suas únicas atividades mais ou menos lúdicas são emitir sons e comprazer-se nos sons sem significação dos barulhos”. (p.98).

Lacan (1975) nos diz que “o homem sempre pensa com ajuda das palavras, que é neste encontro entre estas palavras e seu corpo que alguma coisa se esboça, e que é aí que o conceito de inato toma sentido.” Ele pontua que o sujeito pensa. Lembra que pensa, às vezes, e que deve pensar de vez em quando, para logo ao final advertir que o “pensamento é, afinal de contas, um engodo.”

“Uma linguagem que não tem absolutamente nenhuma existência teórica.” Assim é como Lacan define o conceito de *alíngua*.

É pelo modo como *alíngua* foi falada e ouvida por tal ou qual particularidade, que alguma coisa em seguida reaparecerá nos sonhos, em todo tipo de tropeço, em toda espécie de modos de dizer. É nesse *motérialisme* (mot= palavra + matérialism=materialismo) onde reside a tomada do inconsciente – quero dizer que é o que faz com que cada um não tenha encontrado outros modos de sustentar a não ser o que chamei de sintoma (LACAN, 1975, texto inédito).

Terá sido por isto o fato de que nosso cartel tenha dado largada aos trabalhos somente pelo modo voz?

Referências:

FREUD, S. (1940[1938]). Algumas lições elementares sobre psicanálise. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol.23. Buenos Aires: Amorrortu, 2010. 279-294.

LACAN, J. (1953). Função e campo da fala e da linguagem. Em: Escritos. Rio de Janeiro: Zahar. 1998, p.238-325.

LACAN, J. (1953-1954). A tópica do imaginário. Em: Seminário livro 1: os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Zahar. 1986, p.89-106.

LACAN, J. (1967-1968). Lugar, origem e fim do meu ensino. Em: Meu ensino. Rio de Janeiro: Zahar. 2006, 9-67.

LACAN, J. (1969-1970). Produção dos quatro discurso. Em: Seminário livro 17: o avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar. 1992, p.89-106, 9-24.

LACAN, J. (1975). Conferência em Genebra sobre o sintoma. Texto não publicado estabelecido por Jacques-Alain Miller.